



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PÓLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A: contribuições para o processo de desenvolvimento e aprendizagem

ANDRESSA RAFAELA DA SILVA SOUZA

TOMÉ-AÇU/PA
2022

ANDRESSA RAFAELA DA SILVA SOUZA

RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A: contribuições para o processo de desenvolvimento e aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Falabelo

TOMÉ-AÇU/PA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S719r Souza, Andressa Rafaela da Silva.
RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/O : contribuições
para o processo de desenvolvimento e aprendizagem /
Andressa Rafaela da Silva Souza. — 2022.
48 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Raimundo Nonato de Oliveira
Falabelo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Relação professor-aluno. 2. Afetividade. 3.
Diálogo. I. Título.

CDD 371.1023

ANDRESSA RAFAELA DA SILVA SOUZA

RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A: contribuições para o processo de desenvolvimento e aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Raimundo Nonato Falabelo, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

APROVADA EM: 18 / 08 / 2022

CONCEITO: EXCELENTE

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Orientador – UFPA

Prof. Ms. Fred Junior da Costa Alfaia
Examinador / FAED – Campus de Cametá/UFPA

Prof. Ms. Cledinei Oliveira da Silva
Examinadora / Coordenadora Pedagógica EMEF Presidente Vargas –
SEMED/Tomé-Açu

Dedico este trabalho a Deus, que ao longo deste percurso não me desamparou, me deu ânimo e entendimento para concluir esta etapa. Foram dias cansativos, mas o aprendizado e experiências obtidas recompensam todo esforço. Dedico a minha mãe Ângela e minha irmã Vanessa, pelas palavras de incentivo, pelo amor e orações que destinaram a mim, essa conquista também é de vocês. A minha tia Lourdes e meus primos Ana Maria e Helton que durante os anos da graduação me receberam e me acolheram com amor em sua casa. E aos demais familiares, todos tem uma importância significativa em minha vida, sou grata por tê-los, sei que também comemoram a minha conquista.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar meus agradecimentos primeiramente a Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Polo de Tomé-Açu, sinto felicidade e orgulho de poder me formar nesta instituição de respeito. Agradeço também a todos os professores que tive ao longo desses cinco anos, seus conhecimentos contribuíram de forma significativa para minha formação profissional. Em especial, agradeço a meu professor e orientador Raimundo Falabelo, pelos conhecimentos repassados, pelas orientações, sem sua ajuda a realização deste trabalho se tornaria mais difícil.

Agradeço também a todos os funcionários do polo em que estudei, desde aqueles que atuam na coordenação e secretaria, como também aqueles que trabalham na manutenção da limpeza, aos funcionários da cantina, todos sempre foram muito solícitos. Gostaria também de estender meus agradecimentos a prefeitura de Tomé-Açu, por manter o polo e disponibilizar durante este período o transporte escolar, esta ajuda foi muito significativa.

Agradeço aos meus colegas de turma, foi gratificante dividir com eles momentos de alegria, de emoção e aprendizado, torço para que todos tenham sucesso na vida profissional. Agradeço também aos meus amigos que durante esse período de escrita do tcc estiveram me apoiando, orando para que eu tivesse êxito na realização deste trabalho. Portanto, me sinto extremamente feliz por concluir mais uma etapa de minha vida. Grata por tudo que vivi e aprendi ao longo desses anos e por aqueles que comigo estiveram, conheci pessoas que levarei em minha memória afetiva.

“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria”.

(FREIRE, 1996, p. 43).

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Relação Professor/a-Aluno/a: Contribuições para o Desenvolvimento e Aprendizagem” tem como objetivo geral refletir a relevância dessa socialização e sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem da criança em sala de aula. Nessa perspectiva, se faz necessário questionar como a atuação do professor pode ser significativa para este acontecimento e quais os aspectos relevantes fundamentam esta relação. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica e o referencial teórico que serviu de suporte para desenvolvê-lo está baseado nos estudos de autores como Freire (1996), Galvão (1995), Mizukami (1986), Libanêo (1990), Gadotti (1996) entre outros. Também se utilizou de uma pesquisa de campo que aconteceu em uma escola do município de Concórdia do Pará em uma turma de 1º ano do ensino fundamental e o percurso metodológico baseou-se em uma abordagem qualitativa onde a coleta dos dados necessários se deu através de uma observação participativa e uma entrevista. Como resultado, a pesquisa aponta que tendo a sala de aula como espaço de interação e construção de conhecimento com suas particularidades, compreende-se que a relação professor/a-aluno/a é efetiva e significativa quando pautada no diálogo, afetividade e disciplina. Devemos considerar essa relação como condição imprescindível para o aprender, pois saberes necessários para o crescimento de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo surgem a partir dela.

Palavras-chave: relação professor-aluno; ensino-aprendizagem; diálogo; afetividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO	9
2.1 AS ABORDAGENS TEÓRICAS DO PROCESSO DE ENSINO	9
2.1.1 Abordagem Tradicional.....	10
2.1.2 Abordagem Comportamentalista.....	11
2.1.3 Abordagem Humanista.....	12
2.1.4 Abordagem Cognitivista.....	13
2.1.5 Abordagem Sociocultural.....	14
2.2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM E RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A	15
2.2.1 Ensino-aprendizagem.....	15
2.2.2 Relação professor/a-aluno/a e a importância do diálogo.....	18
2.3 AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM ESCOLAR	21
2.3.1 Contribuições de Henri Wallon acerca da afetividade.....	24
3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO	27
3.1 Pesquisa Bibliográfica	27
3.2 Abordagem Qualitativa	28
3.3 Pesquisa Explicativa	28
3.4 Observação Participativa	29
3.5 Entrevista	29
4. RESULTADOS DA PESQUISA	30
4.1 Conhecendo a escola.....	30
4.2 Conhecendo a professora e a sala de aula.....	31
4.3 Primeiro contato com a turma.....	31
4.4 A Rotina da sala de aula.....	32
4.5 Atuação da professora.....	33
4.6 Afetividade em sala de aula.....	36
4.7 Entrevista com a professora.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A – PERGUNTAS FEITAS A PROFESSORA	47

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que será exposto tem como título “Relação Professor/a-Aluno/a: Contribuições para o Desenvolvimento e Aprendizagem”. É relevante debater este tema, visto que, quando se discute o processo de ensino-aprendizagem essa relação surge como um dos fatores primordiais para o desempenho do fenômeno educativo. Compreende-se que o professor não apenas transmite conhecimento de forma sistemática, mas participa de forma ativa do processo de formação do sujeito, contribuindo com seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Nessa perspectiva, se faz necessário questionar como a atuação do professor pode ser significativa para este acontecimento e quais aspectos relevantes fundamentam esta relação.

O objetivo geral da pesquisa está em refletir a relevância da socialização e sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem da criança em sala de aula, considerando que a atuação do professor deverá estar baseada em ações pedagógicas dialógicas e afetivas. Para a compreensão dessa temática foi necessário realizar uma revisão bibliográfica e o referencial teórico que serviu de suporte para entendimento e desenvolvimento está baseado nos estudos de autores como Freire (1996), Galvão (1995), Mizukami (1986), Libanêo (1990), Gadotti (1996) entre outros.

Após revisão bibliográfica, também se utilizou de uma pesquisa de campo para desenvolver o trabalho. Os procedimentos metodológicos adotados foram uma abordagem qualitativa, pesquisa explicativa e os métodos utilizados para a coleta de dados foram uma observação participativa e entrevista. O trabalho está dividido por tópicos que destacam a fundamentação teórica, a metodologia adotada, os resultados da pesquisa de campo e as considerações acerca do estudo realizado.

O tópico dois apresenta a fundamentação teórica, trazendo as abordagens de ensino na visão da autora Maria da Graça Nicoletti Mizukami a partir de seu livro “Ensino: As Abordagens do Processo”, ressaltando as características e contribuições principais de cada uma delas. Também será abordado sobre o processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração aspectos que permeiam o fenômeno educacional. Enfatizando sobre a relação professor/a-aluno/a e a importância do diálogo em sala de aula.

Ainda na fundamentação teórica abordaremos sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo é externar quão relevante e benéfica pode ser a educação afetiva para a aprendizagem do aluno. Também será apresentada uma

breve consideração sobre as contribuições da teoria de Henri Wallon sobre essa temática.

O tópico três traz todo percurso metodológico de forma detalhada, mostrando o passo a passo para a realização do trabalho. O tópico quatro mostrará os resultados da pesquisa de campo que foi realizada, com as informações obtidas por meio da observação participativa, da entrevista realizada com a professora e as suas percepções sobre o tema em questão. E por último temos as considerações finais, que vem trazendo as contribuições deste trabalho para a compreensão da temática, para a formação acadêmica e profissional.

Então, a partir deste trabalho, pode-se entender que a relação professor/a-aluno/a é efetiva e significativa quando está pautada no diálogo, afetividade e disciplina, considerando que a sala de aula é um espaço de interação e construção de conhecimento com suas particularidades. Nessa concepção devemos considerar a relação professor/a-aluno/a como condição imprescindível para o ato de aprender, pois saberes necessários para o crescimento de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo surgem a partir dela.

Os fatores destacados contribuem significativamente para o alcance dos objetivos referentes a aprendizagem e o desenvolvimento. O professor desempenha o papel de mediador e orientador dos conhecimentos, levando seu aluno a protagonizar seu saber, pois quando cognitivo e afetivo são trabalhados em conjunto, a aprendizagem é eficaz e promissora.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO

2.1 AS ABORDAGENS TEÓRICAS DO PROCESSO DE ENSINO

Os estudos sobre o ato de ensinar revelam as diferentes abordagens teóricas da educação e este tópico do trabalho de conclusão de curso tem como objetivo ressaltar as principais abordagens de ensino na visão da autora Maria da Graça Nicoletti Mizukami a partir de seu livro “Ensino: As Abordagens do Processo”. Neste livro a autora visa proporcionar uma leitura baseada nas abordagens do processo de ensino, destacando suas principais características com o objetivo de auxiliar o professor a refletir sobre suas ações e práticas em sala de aula. Mizukami (1986) enfatiza que o fenômeno educativo envolve diferentes aspectos e dimensões, seja emocional, cultural, político ou social.

Para Braga (2021) é natural que cada educador se identifique com uma ou outra metodologia, uma vez que essa proximidade teórico-metodológica acontece em decorrência das nossas crenças, experiências e visões de mundo. E como cita a autora, cada uma dessas abordagens apresenta suas vantagens e também suas limitações. Isso nos faz pensar sobre a necessidade de cada educador refletir sobre essas considerações do processo de ensino-aprendizagem, buscando sempre melhorar e aperfeiçoar sua prática docente. É preciso compreender que o processo de ensino-aprendizagem não é um acontecimento que ocorre de forma singular e única, o ato de educar precisa estar relacionado a ações e práticas pedagógicas que considere as diferentes formas e expressões do fenômeno educativo.

Há várias formas de se conceber o fenômeno educativo. Por sua própria natureza, não é uma realidade acabada que se dá a conhecer de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Nele estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva a emocional, a sócio-política e cultural. Não se trata de mera justaposição das referidas posições, mas, sim, da aceitação de suas múltiplas implicações e relações. (MIZUKAMI, 1986, p. 1).

Considerando a contribuição de Mizukami (1986) de que o processo educativo é um fenômeno humano que perpassa por diversas dimensões, cada abordagem teórica do processo de ensino-aprendizagem evidencia um ou outro aspecto desse fenômeno e cada proposta metodológica se caracteriza a partir da visão que possui sobre o papel do sujeito, do objeto e da relação que eles estabelecem. Considerando essas informações, posteriormente, de uma forma sucinta, será tratado sobre cada uma dessas abordagens, ressaltando as características principais, para que assim possamos compreender um pouco sobre esse processo e as contribuições para o desenvolvimento humano.

2.1.1 Abordagem Tradicional

Para iniciar a breve discussão sobre as abordagens do processo de ensino, temos a abordagem tradicional. Neste método, o ensino-aprendizagem está totalmente voltado para a atuação do professor em sala de aula, defendendo a ideia de que o conhecimento é algo acumulativo. Esse tipo de ensino tradicional tem como propósito formar o aluno considerado ideal, que domine as diversas áreas do conhecimento. As crianças estudam de forma passiva, armazenando as informações que recebem e apenas reproduzem aquilo que são mandadas fazer. Todo esse

conhecimento externo que lhe são repassados tem como objetivo preenche-las, mas, não se leva em consideração suas individualidades e seus interesses.

O homem é considerado como inserido num mundo que irá conhecer através de informações que lhe serão fornecidas e que se decidiu serem as mais importantes e uteis para ele. É um receptor passivo até que, repleto das informações necessárias, pode repeti-las a outros que ainda não as possuem, assim como pode ser eficiente em sua profissão, quando de posse dessas informações e conteúdos. O homem no início de sua vida é considerado uma espécie de tabula rasa na qual são impressas, progressivamente, imagens e informações fornecidas pelo ambiente. (MIZUKAMI, 1986, p. 9).

Considerando a contribuição da autora de que o aluno é esse sujeito receptor passivo que apenas reproduz as ideias e informações que lhe são apresentadas, o seu processo de aprendizagem se limita ao ato de adquirir conhecimento e memorizá-los para reproduzir. Com isso, a relação professor-aluno se torna vertical, pois o professor detém o conhecimento transmitindo-o de forma sistemática, depositando informações. Detém também o poder de decisão quanto a toda metodologia da aula, trazendo o conteúdo que será repassado em sala, enquanto o aluno se limita apenas a escutar e reproduzir sem fazer um exercício de reflexão sobre o que está sendo estudado.

Esta forma de atuação do professor não dá ao aluno a possibilidade de refletir o que está sendo ensinado, refletir sobre seu papel e a importância de sua ação nessa construção de conhecimento. O professor se torna o único meio de intervenção durante a aula, ignorando as dificuldades dos alunos. A concepção tradicional considera o homem como um sujeito pronto e acabado, onde seu desenvolvimento depende do conhecimento que irá adquirir por meio da atuação do outro. Essa concepção também considera o aluno como um adulto em miniatura que precisa ser moldado.

Nesse tipo de abordagem a educação é tida como um produto, Mizukami (1986) afirma que a escola atua de forma que, a educação se restringe a esse exercício de organizar e transmitir conhecimento usando o professor como mediador. Esse tipo de metodologia não dá chances para discussões e reflexões, o professor é a autoridade moral e intelectual para o aluno e as possibilidades de interação entre eles é reduzida.

2.1.2 Abordagem Comportamentalista

A abordagem comportamentalista está baseada no empirismo, ou seja, o conhecimento que o indivíduo adquire provém das experiências vivenciadas. O desenvolvimento e a aprendizagem são entendidos como transformações que resultam das interações ocorridas entre o comportamento e os acontecimentos, limitando-se aquilo que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos, ou do mundo subjetivo. Além disso, o comportamentalismo leva em consideração os estudos realizados por Skinner, que foi um psicólogo estadunidense que teve suas pesquisas fundamentadas no estudo das relações funcionais entre o estímulo e a resposta na modificação, entre a continuidade ou extinção de um comportamento.

Neste método de abordagem, o desenvolvimento do aluno é entendido como transformações que são resultados das interações e experiências. Mizukami (1986) afirma que segundo Skinner, a realidade é um fenômeno objetivo e o homem é tido como uma consequência do meio ambiente que ele está inserido e por esse motivo está sujeito a manipulação, e como dito anteriormente, as experiências servem de base para o seu conhecimento.

Considerando a relação entre professor e aluno na abordagem comportamentalista, Mizukami (1986) também enfatiza que o professor precisa planejar e desenvolver o sistema de ensino-aprendizagem de tal forma que o desempenho do aluno seja maximizado, considerando igualmente fatores, tais como, economia de tempo, esforços e custos. Em síntese, a intenção da abordagem comportamentalista é fazer com que o aluno se adeque por meio do seu comportamento as culturas e normas morais que regem o ambiente social que ele pertence.

2.1.3 Abordagem Humanista

Conforme ressalta Mizukami (1986) a teoria dessa abordagem tem origem nos estudos de Carl Rogers, uma teoria que afirma que o ensino deve estar centralizado no aluno. O enfoque principal dessa abordagem está no sujeito e no estudo das suas especificidades e complexidades. O indivíduo é o principal construtor de seu conhecimento e isso acontece a partir de experiências sociais que ele terá, considerando aspectos emocionais e psicológicos.

Essa abordagem dá ênfase a relações interpessoais e ao crescimento que delas resulta, centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, em seus processos de construção e organização pessoal da realidade, e em

sua capacidade de atuar, como uma pessoa integrada. Dá-se igualmente ênfase a vida psicológica e emocional do indivíduo e a preocupação com sua orientação interna, com o autoconceito, com o desenvolvimento de uma visão autêntica de si mesmo. (MIZUKAMI, 1986, p. 37, 38).

Os escritos da autora ressaltam as relações sociais como ênfase dessa abordagem que permite que o aluno se desenvolva emocionalmente e intelectualmente. Uma outra importante característica da abordagem humanista é a ênfase na autonomia do aluno, que deverá ser livre para realizar atividades que valorizem suas necessidades e interesses individuais. Essa educação centrada no aluno tem como propósito possibilitar a ele condições favoráveis facilitando sua aprendizagem, seu desenvolvimento e a escola deve respeitar os interesses e as particularidades de cada indivíduo.

Ainda segundo Mizukami (1986) na abordagem humanista o professor não deve apenas transmitir conteúdos, mas, oferecer ao aluno a assistência necessária, atuando de uma forma que facilite sua aprendizagem. Para Braga (2021) este ensino deve permitir que o aluno se desenvolva emocionalmente e intelectualmente. A atuação do professor deve estar integrada e aberta para o grupo de alunos, para possibilitar que eles desenvolvam seus processos, partindo de uma compreensão interpessoal de ambas as partes. Na abordagem humanista, vemos também uma grande valorização da criatividade e da subjetividade.

2.1.4 Abordagem Cognitivista

O termo “cognitivo” está relacionado aos processos centrais do ser humano, e a abordagem cognitivista implica na capacidade do ser humano de adquirir conhecimento, desenvolver suas habilidades emocionais, motoras e sociais, com base no raciocínio e na linguagem. Para esta abordagem a aprendizagem é concretizada quando o indivíduo é capaz de conceber o seu conhecimento próprio, tendo o meio social como fator para esse acontecimento. Um dos principais teóricos dessa abordagem foi o psicólogo Jean Piaget.

Para Mizukami (1986) esse tipo de abordagem é predominantemente interacionista e percebe a aprendizagem de forma científica, resultantes dos fatores externos, preocupando-se com essas relações sociais sem deixar de abordar a capacidade do aluno de construir seu conhecimento e desenvolver-se. Nesse método de ensino o homem e o mundo são analisados nessa perspectiva de interação, considerando que o conhecimento é o resultado da relação que eles estabelecem. O

indivíduo no processo de aprendizagem exerce um papel ativo, observando, experimentando e levantando hipóteses.

Mizukami (1986) aborda sobre o papel do professor na abordagem cognitivista, que por sua vez, deve evitar rotinas e propor ao aluno problemas, mas sem ensiná-los a solução. Sua função consiste em desafiar-los e assim estimular sua autonomia no processo de aprendizagem, convivendo com os alunos, observando seus comportamentos, perguntando e sendo interrogado por eles. Todos esses aspectos estarão contribuindo para o desenvolvimento deles, fortalecendo e estreitando a relação professor-aluno e essas situações propiciam condições onde se estabelece a reciprocidade intelectual e a cooperação moral e racional.

2.1.5 Abordagem Sociocultural

Conforme afirma Mizukami (1986), nesse modelo de abordagem a educação assume um caráter mais abrangente não se limitando a situações formais de ensino-aprendizagem. Considera aspectos sociais, políticos e culturais onde a construção do conhecimento está ligada ao processo de conscientização. Essa abordagem de ensino tem como principal inspirador Paulo Freire, que considera o homem como o sujeito da sua educação. Mas apesar da grande ênfase no sujeito, se torna evidente uma tendência interacionista, já que a relação entre homem e mundo é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito de sua práxis.

Nesse modelo de educação, a relação professor-aluno acontece de forma horizontal, isto é, não é imposta, mas acontece de forma conjunta, onde prevalece o diálogo e para que o processo de ensino-aprendizagem seja significativo, o professor deve em alguns momentos se tornar aluno e vice-versa. Quando essa relação não acontece dessa forma, não há educação. Para Mizukami (1986) o professor engajado e comprometido com uma prática transformadora procurará desmistificar e questionar com o aluno essa cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura de cada indivíduo, criando condições para que cada um deles analise seu contexto produzindo cultura e conhecimento.

Quando a educação não se restringe a atuação do professor, mas ocorre de forma mais abrangente, construindo no aluno uma consciência crítica visando sua humanização, o homem enquanto sujeito deverá ter consciência da sua realidade, tornando-se capaz de transformá-la. Nessa abordagem o processo de ensino-aprendizagem busca superar a relação opressor e oprimido, numa prática libertadora,

onde o processo de alfabetização se caracteriza pela criatividade e pela cooperação, sendo o diálogo a base para o fenômeno educativo. Desta forma, à medida que os alunos atuam de forma ativa de seu processo de aprendizagem, mais crítica sua consciência se tornará

Portanto, a partir dessa breve análise das abordagens teóricas do processo de ensino-aprendizagem, pode-se perceber que o fenômeno educativo é multidimensional. O professor planeja suas ações e dinâmicas pedagógicas, considerando essa multiplicidade educacional, que permite possibilidades mais amplas da prática docente, possibilitando aos alunos reflexões a partir delas, buscando a superação das dificuldades presentes no cotidiano escolar com criatividade e eficiência, onde o trabalho seja mais qualificado, responsável e significativo para o aluno.

2.2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM E RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A

Quando discutimos o processo de ensino e aprendizagem um dos fatores que contribui para que este acontecimento seja eficaz e significativo, é a relação que se constrói entre professor/a-aluno/a e o enfoque principal deste tópico do trabalho será apresentar este fator contribuinte para a aprendizagem, levando em consideração aspectos que permeiam o processo educacional. Uma boa relação professor/a-aluno/a é fundamental em qualquer nível, etapa ou modalidade de ensino. Para Silva (2018) o processo educativo é complexo, se apresenta e acontece em várias dimensões que contribuem para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e uma dessas dimensões é a relação professor/a-aluno/a que é fundamental e importante para a expressão de um ensino qualitativo.

2.2.1 O Ensino-aprendizagem

O professor em sala de aula é um agente do saber, com a função de mediar e orientar o indivíduo na busca e construção do seu conhecimento, de modo que seja significativo e eficaz. Martin (2020), ressalta que é importante o professor na sua prática pedagógica, executar essa função de mediador do conhecimento de forma que busque entender a relação entre o conteúdo a ser ensinado e os alunos, considerando e valorizando as especificidades de cada indivíduo.

No ato educativo deve ser consideradas também as condições socioculturais, as diversidades econômicas, regionais, humanas, objetivas e subjetivas, as competências individuais dos grupos de trabalho em busca da autonomia dos sujeitos para se perceberem e se constituírem como pessoas, como cidadãos, como indivíduos que partilham o espaço social e que não estão sós, que fazem parte de um universo físico e humano complexo, movido por regras e normas oriundas da compreensão, do controle, da dominação e da consciência dos próprios homens, que necessitam se compreenderem como sujeitos, como seres de relações presentes no mundo. (SILVA, 2018, p. 208).

Como ressaltou o autor, o processo educativo precisa considerar as diferentes dimensões que envolvem o aluno. A partir do momento que o educador conhece este aluno, sua realidade, sua cultura e suas competências é possível trabalhar e atuar de uma forma que a construção do conhecimento seja favorável ao crescimento individual. O aluno deve considerar suas particularidades, buscar sua autonomia e se reconhecer enquanto sujeito que está inserido num espaço social que se constrói e se transforma a partir de suas ações. O processo de ensino-aprendizagem deve ser experimentado como uma prática concreta de transformação da realidade.

Os termos “ensino” e “aprendizagem” estão inteiramente associados nesse processo e isso exige uma dinâmica em que haja o comprometimento de todas as partes envolvidas, pois o professor é o que ensina/repassa conhecimentos e o aluno aquele que aprende e se desenvolve a partir dessa atuação em sala de aula. Para Santos e Vasconcelos (2021) ao propor uma reflexão sobre processo de ensino-aprendizagem acredita-se que a ação do ensinar é uma via de mão dupla, pois aquele que ensina também aprende alguma coisa automaticamente, e ao ensinar o que se sabe, conseqüentemente, aprende-se mais, consolidando o seu saber.

Os seres humanos estão em constante evolução de suas práticas, de sua forma de conceber o mundo e adquirir conhecimento, nessa perspectiva, o processo educativo precisa acompanhar essas mudanças. O professor deve assumir o compromisso de aprimorar sua capacitação profissional, considerando que o fenômeno educacional permeia por um sistema de interações, de comportamento e emoções. Silva (2018) ressalta que, no enfoque didático, é fundamental que o educador enxergue seu aluno como um ser em processo diário de crescimento intelectual e perceba-lo como um ser que pertence ao mundo, considerando também o seu desenvolvimento afetivo e social. O educador deverá contribuir para que o sujeito se desenvolva em todas as áreas da vida, como pessoa completa.

Quando discutimos sobre o processo de ensino-aprendizagem concebemos a escola como um dos espaços que se caracteriza pelos significados do fenômeno

educativo, de fato, a escola é esse espaço social que tem como um de seus objetivos fomentar o desenvolvimento do indivíduo. Esse desenvolvimento perpassa como já citado neste trabalho, por diversas dimensões educativas, considerando o cognitivo, o cultural e emocional do aluno. E a sala de aula é onde essa multidimensionalidade se encontra de forma mais próxima e estreita, Veiga (2009) define a sala de aula como um espaço que deve promover a realização da existência, da construção de saberes, onde as relações humanas se fortalecem, havendo desenvolvimento pessoal e profissional.

Portanto, na escola as práticas pedagógicas das diversas áreas de conhecimento devem valorizar e proporcionar condições de discussão e vivência de atitudes éticas, de valores de solidariedade, de respeito mútuo, de tolerância e compreensão da diversidade cultural, social, política, religiosa, sexual, física e racial, ou seja, das diversidades humanas que colaborem com a formação de sujeitos éticos. (SILVA, 2018, p. 207).

Na ideia do autor, a escola é esse espaço onde ocorrem interações que proporcionam diálogos e discussões, vivenciando e respeitando valores éticos e de respeito ao outro. A sala de aula deve, então, proporcionar para o aluno um exercício do que será sua vida em sociedade, enxergando-se e reconhecendo-se como sujeito que assume responsabilidades que serão necessárias para essa vivência social e para o exercício da cidadania. Portanto, é uma ação para a formação do sujeito, compreendendo toda essa diversidade de ideias, de culturas e religiões que caracterizam o espaço em que vivemos

Para Sousa, Santana e Carneiro (2019) quando consideramos esses aspectos do processo educativo, podemos pensar a sala de aula como um espaço singular, mas, ao mesmo tempo diverso. Singular pois lidamos com seres humanos que se destacam e diferenciam por suas particularidades, e diverso pois nos proporciona uma troca de conhecimentos e experiências que se compartilham entre esses sujeitos que interagem no contexto da sala de aula. Os alunos, então, tendem a fortalecer o vínculo com esse ambiente que frequentam, quando esse espaço for agradável e o acolher diariamente.

Assim, podemos analisar a sala de aula como esse espaço que proporciona inúmeras possibilidades de crescimento e conhecimento, em que a ação docente vem ser o elemento primordial para uma educação crítica, reflexiva, afetiva e humanizada. Silva (2018) ressalta que a ação pedagógica em sala de aula deve exercer um papel

educador que seja comprometido com o ser humano com todas as suas diversidades, onde a proposta de ensino esteja voltada para humanidade. Uma educação que perceba a cidadania em um sentido ampliado, isto é, educar o homem para a vida em sociedade, percebendo e valorizando a sua existência e a existência dos outros homens.

2.2.2 Relação professor/a-aluno/a e a importância do diálogo

Como dito anteriormente, um dos elementos que contribui para o êxito do processo de desenvolvimento e da aprendizagem do aluno é a relação estabelecida entre ele e seu educador, visto que, o aluno tem a escola como um novo contexto social, onde ele estabelece novas relações interpessoais, compartilha saberes e experiências. Com isso, o modo de atuar do professor em sala de aula contribuirá para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural do aluno.

Conforme afirma Cunha (2003), o ato de aprender se constitui como um processo de aproximação entre o aluno e um mundo oculto. No processo de ensino-aprendizagem o professor desempenha um papel, senão determinante, pelo menos essencial e é por isso que se torna impossível o aluno aproximar-se do conhecimento quando se relaciona de forma insatisfatória com seu professor. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar precisa estar embasado em um bom relacionamento entre os elementos que participam desse fenômeno, pois se relacionam no ato educativo através do diálogo, de brincadeiras, trabalhos e participação em sala de aula.

Em todas as etapas do processo de aprendizagem humana a ação do outro tem uma contribuição e uma influência significativa. Na sala de aula a criança que mantém com seu professor uma relação onde sinta-se segura terá mais chances de ter um rendimento escolar satisfatório. Quanto mais o professor entende a importância da sua atuação e da interação com esse aluno, maiores serão os resultados e avanços em direção ao conhecimento.

Essa relação se constrói pela ação, pela palavra, pelo silêncio e por mediações diversas do confronto humano de estar e existir no mundo, de se fazer presente nesse processo de humanidade que permeia a prática educativa em sala de aula. Em situação de ensino e aprendizagem essa intencionalidade deve ser presença constante. Portanto, a “afinidade” entre o professor e o aluno é fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. (SILVA, 2018, p. 209).

Como foi salientado pelo autor, a afinidade entre professor e aluno é primordial e a interação entre eles acontece e se fortalece por meio da ação, da palavra. A atuação do educador fará com que o aluno não somente aprenda os conteúdos das diversas áreas do conhecimento, mas também da sua condição humana de existir e transformar o espaço que habita. Alguns professores talvez não se dão conta da importância que sua atuação em sala de aula tem na vida do aluno, para Libâneo (1990) essa interação é um dos aspectos fundamentais da organização didática, para se alcançar os objetivos do processo de aprendizagem.

Para Freire (1987, p. 45) “o diálogo é esse encontro de homens, mediatizados pelo mundo, para pronuncia-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Não se trata de realizar o ato de educar apenas por transmitir conteúdos por parte do professor, mas, estabelecer um diálogo onde todas as partes desempenham um papel importante na construção do conhecimento. Freire (1996) também ressalta que uma verdadeira dialogicidade, onde os sujeitos dialógicos aprendem e crescem a partir da diferença entre eles, e sobretudo, no respeito a elas, é uma forma de estarmos sendo coerentes, pois somos seres inacabados e quando assumimos essa realidade, nos tornamos totalmente éticos.

Ao exercer o diálogo os sujeitos se encontram e, dessa forma, se conhecem e refletem sobre suas realidades. O diálogo exige fé no indivíduo, fé no poder que ele tem de se refazer, se superar, de criar e recriar e isso não deve ser um privilégio para alguns, mas, um direito de todos os homens. O diálogo exige uma disposição para a interação e contribuição do outro, o dialogo exige humildade. Freire (1987, p. 46) ressalta que “a autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo. Não pode ser seus companheiros de pronúncia de mundo”.

O diálogo pretendido por Freire como prática educativa – que é diferente do suposto diálogo vertical proposto pelas elites, que impossibilita a manifestação do sujeito-aprendiz – é um ato de respeito aos educandos. É preciso existir uma relação democrática entre professores e alunos, mediada por um diálogo que respeite a leitura de mundo do educando, reconhecendo dessa forma, a historicidade do saber. (BERTONCELLO E ROSSETTE, 2008, p. 182).

Extremamente relevante a fala dos autores, que reafirmam sobre a importância de a prática educativa e o relacionamento professor/a-aluno/a estarem pautados numa relação dialógica. O professor que dialoga demonstra respeito pelo seu aluno,

respeito por aquilo que ele tem a dizer e pela sua forma de conceber o conhecimento e isso reflete na relação que eles estabelecem que será mais democrática, visto que, a construção do conhecimento acontece de forma coletiva. Portanto, o professor não deve ignorar a ação do sujeito, deve acreditar na sua capacidade de construção e considerar que o aluno interage e se expressa de diversas maneiras, de forma verbal e não verbal.

Quanto mais o professor compreender que é necessário ter como base de sua prática docente um relacionamento com seu aluno que considere e valorize essa dimensão dialógica, maiores serão os avanços e resultados obtidos com relação ao desenvolvimento e aprendizagem. O diálogo em sala de aula permite que o aluno se expresse, ele se sente seguro pois sabe que tem alguém que escuta o que ele tem a dizer. Trabalhar nessa perspectiva nos faz refletir que o professor não é o sujeito que detém todo saber e conhecimento, mas, que atua como mediador e articulador das informações e conteúdos, planejando e executando suas ações de ensino de uma forma que considere e valorize também os saberes que os educandos trazem para sala de aula.

Como já ressaltamos aqui o diálogo exige daqueles que o praticam o exercício da humildade. Gadotti (1996) salienta que para pôr em prática esta ação o professor deve se colocar nessa posição de humildade, posição de quem sabe que não sabe tudo, e a partir do relacionamento com seus alunos haverá uma troca de saberes e experiências significativas, que servirá para o crescimento de ambos os atores do fenômeno educativo. Esse professor que respeita e dialoga com seu aluno, será também respeitado por ele.

O diálogo aproxima e estreita as relações sociais e em sala de aula este fator tem como propósito fortalecer a relação professor/a-aluno/a buscando um processo de ensino-aprendizagem significativo, sendo um ambiente de descobertas e novos aprendizados, uma vez que a aprendizagem também está relacionada a essa interação com outras pessoas. O professor não atua como um mero emissor de conhecimento e informações, mas, mediando e articulando também as relações e experiências entre os próprios alunos. Que este fenômeno educativo esteja comprometido em transformar a realidade e fortalecer as relações interpessoais.

Para Bertoncetto e Rossete (2008) dialogar exige um pensar de forma crítica, não separando o homem e o mundo, mas, enxergando neles uma interação contínua, pois o homem enquanto ser inacabado se faz nessa relação com o meio que vive,

sendo objeto de uma ação transformadora numa relação amorosa, buscando sua humanidade. O diálogo então torna-se um ponto de referência, pois acredita ser possível seres humanos se transformarem em seres comunicativos. Freire (1987, p. 45) discorre sobre essa relação dizendo que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a ‘pronúncia’ do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor, é, também, diálogo”.

Compartilhar experiências e saberes é uma das características humanas e isso exige essa disponibilidade para o diálogo, para ouvir o que o outro tem a nos oferecer. Isso contribui com nosso crescimento e nessa perspectiva, a relação entre professor e aluno baseada nessa educação dialógica deverá ser mais igualitária, contribuindo com a aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, compreendendo essa informação Gadotti (1996) ressalta que reconhecer o diálogo, significa dizer que aquele que educa está aprendendo também, pois ninguém pode ser considerado definitivamente educado ou definitivamente formado, cada um, a sua maneira, juntamente com os outros, pode aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades para o conhecimento.

2.3 A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM ESCOLAR

Ao discutir sobre aprendizagem é necessário argumentar sobre os diversos elementos que permeiam esse processo e um fator considerável relacionado ao fenômeno educacional é a afetividade em sala de aula. Neste tópico do trabalho será abordado sobre a importância das relações afetivas para o aprendizado da criança. O professor exerce esse papel primordial no processo de desenvolvimento e o vínculo afetivo com seus alunos precisa ser considerado, visto que, é um fator que desempenha uma influência significativa, que contribuirá para a construção do conhecimento.

Para Mello e Rubio (2013) as experiências afetivas são determinantes e importantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta, aprendendo a lidar com suas próprias emoções, com isso, a qualidade dos laços afetivos que são construídos, são relevantes para o desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança. A relação interpessoal positiva que o aluno constrói com seu professor, como aceitação, apoio e confiança possibilita e aumenta o sucesso dos objetivos educativos em sala de aula.

A afetividade é o conjunto de fenômenos experimentados e vivenciados na forma de emoções e sentimentos, sendo uma característica que acompanha o ser humano desde o início de sua vida, permitindo demonstrar sentimentos, ter carinho, empatia e cuidado por outro alguém e desempenha um papel importante para o bom convívio em sociedade. Em sala de aula essa relação afetiva não se limita ao que diz o senso comum, agradar, abraçar ou beijar o aluno, mas, ao ato de educar dando atenção, dando voz ao aluno, valorizando e validando o que ele tem a expressar.

A educação afetiva para Silveira (2017) deveria ser a primeira preocupação dos professores, porque este é um elemento que contribui para o comportamento, o caráter e o desempenho cognitivo da criança. E a afetividade não é contrário ao conhecimento, pode tornar-se lucidez, necessidade, contribuindo para a alegria e desejo de aprender. E o professor exerce a maior influência no processo de aprendizagem, portanto, precisa ter o conhecimento de como se dá o desenvolvimento emocional e comportamental da criança em todas as suas manifestações.

E como salientado anteriormente neste trabalho, a escola vem ser o primeiro ambiente socializador que a criança terá acesso depois do seu âmbito familiar, o que reforça a ideia de ser necessário que esse ambiente seja um espaço onde a criança se sinta amada, acolhida e segura para que ela se desenvolva de forma saudável. Para Silva (2013) a criança tem naturalmente essa necessidade de ser amada, aceita, acolhida, neste sentido, é o professor quem desempenha esse papel e ensina o aluno no caminho da motivação e do interesse baseado nessa dimensão de afetividade.

Mas como enfatizado, o professor afetivo não é aquele que beija, abraça ou pega seu aluno no colo, uma educação afetiva está muito além disso. Está no permitir que a criança explore o ambiente que ela conhece para desenvolver-se a partir dessa interação com o meio. O professor afetivo permite que a criança expresse suas inquietações, considerando o que ela tem a contribuir, acreditando na capacidade de construir seu conhecimento, ter opiniões que podem ser relevantes dentro de suas limitações. Silva (2013) ressalta que o empenho do educador se reflete na sua preocupação com os gostos e anseios das crianças, que diferem suas percepções de mundo de acordo com a idade.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa

é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança. (FREIRE, 1996, p. 90).

Sobre essa temática, Freire (1997) também considera a importância e a necessidade dos componentes afetivos na construção do conhecimento e desenvolvimento humano. O autor nos diz que devemos evitar o medo dos nossos sentimentos, das nossas emoções, de nossos desejos, visto que esse medo pode vir nos fazer perder nossa cientificidade. Tudo o que sabemos, sabemos de corpo inteiro, com a nossa mente, com nossa criticidade, mas também com os nossos sentimentos, com a intuição e com as nossas emoções.

A afetividade para Silveira (2017) representa um fator muito importante no processo de desenvolvimento humano e é na relação com o outro que o indivíduo se reconhece como pessoa e mantém o processo em permanente construção. Esses elementos que constituem o ser humano e fazem parte de suas habilidades e competências, não podem ser negligenciados, mas, desenvolvidos. E em sala de aula o professor pode ter uma postura que facilite a aprendizagem ou pode bloquear o desenvolvimento do aluno se ignorar a dimensão afetiva.

A afetividade proporciona ações de mudança, gera atitudes alegres e positivas diante dos processos de aprendizagem. O ambiente afetivo da sala de aula, a relação afetiva do professor com seu aluno, levam-no a se tornar forte e produtivo no sentido de querer mais e mais aprender, buscar respostas, encontrar soluções onde efetivamente existem ou precisam ser construídas. O aluno necessita de oportunidades para desenvolver sua afetividade para com os livros, com os colegas, com o professor. (FROZZA, 2007, p. 35).

Como salienta a autora, entende-se a importância da afetividade na relação entre educador e educando, onde se estabeleça o diálogo, a capacidade de ouvir, despertando a autonomia do aluno na construção de seu conhecimento. A afetividade está sempre presente nas interações e experiências vividas, visando sempre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O aluno precisa de condições para se desenvolver de forma criativa e autônoma e o ambiente afetivo pode proporcionar essas condições e oportunidades.

A afetividade então, gera carinho, empatia, confiança e cumplicidade, sentir afeto pelo professor e sentir que este sentimento é recíproco, desperta no aluno uma disposição e interesse muito maior para a aprendizagem. Frozza (2007) nos diz que aceitação do outro é fundamental para o crescimento, que a escola e em especial a

sala de aula, é um dos espaços legítimos para a construção da afetividade, uma vez que as atividades que são desenvolvidas neste espaço se centram na inteligência, e a construção da inteligência depende da evolução da afetividade

2.3.1 Contribuições de Henri Wallon acerca da afetividade

Ao abordar sobre afetividade, esse teórico propôs grandes contribuições para compreender a importância da dimensão afetiva no processo de desenvolvimento infantil e para compreender um pouco sobre seus estudos teremos como embasamento as contribuições de Izabel Galvão a partir do livro “Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil”.

Henri Wallon foi um médico, professor e psicólogo que nasceu na França em 1879. Sua vida foi marcada por uma intensa produção intelectual e ativa participação social. Os estudos de Wallon propõe que o desenvolvimento da criança seja abordado de maneira que considere a afetividade, motricidade e inteligência. Galvão (1995) enfatiza que, Wallon propõe que estude o desenvolvimento infantil tendo a criança como ponto de partida, compreendendo cada uma de suas manifestações no conjunto de suas possibilidades.

Os estudos de Wallon propõe também considerar a afetividade no ambiente escolar, pois toda criança precisa ser acolhida, cuidada, precisa de afeto para aprender. Como já citado, a educação não se resume somente em repassar informações, aquele que educa também deve se importar com o outro. Henri Wallon também relaciona o desenvolvimento do sujeito a partir do meio que ele está inserido, quanto mais complexo e informativo for este ambiente, mais promissora e eficaz será a aprendizagem do sujeito.

Para o autor não existe inteligência sem a afetividade, os resultados obtidos referentes ao cognitivo da criança, dependem também dos estímulos afetivos que ele recebe. Silveira (2017) ressalta que a afetividade e inteligência desempenham funções diferentes, mas, são inseparáveis na evolução psíquica da criança. O aspecto cognitivo e o afetivo se complementam e de acordo com a atividade que está sendo realizada pela criança há uma preponderância do afetivo ou do cognitivo. Não se trata de excluir um ou outro, mas de alternância entre eles. Nas relações que a criança estabelece a todo tempo se evidenciam conflitos e oposições ou diálogos de interações.

O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. (GALVÃO, 1995, p. 39).

Como salientado pela autora, Wallon afirma que ao estudar o desenvolvimento da criança é preciso estudar também o meio social em que ela está inserida. Esse meio deverá estar apto e corresponder às suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e posteriormente psicomotoras. Considerando que o sujeito se constrói a partir do meio, Wallon propõe o estudo contextualizado das condutas infantis, buscando compreender em cada fase do seu desenvolvimento, o sistema de relações estabelecidas entre a criança e seu ambiente.

Ainda conforme ressaltou Galvão (1995) Wallon descreve o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva, onde se sucedem fases e nessas fases há uma predominância que se alterna entre afetividade e o cognitivo. E em cada fase há um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos e estímulos que a criança recebe no momento para interagir com o ambiente que ela conhece.

Todo indivíduo, então, tem condições de atuar com seus sentimentos e emoções de modo que aprenda a conhecer a si próprio e também seus semelhantes. Ainda segundo a teoria de Henri Wallon, o desenvolvimento do ser humano acontece em cinco estágios que se caracterizam por um conjunto de especificidades e características. Cada estágio corresponde a um tipo de comportamento da criança que servirá de preparação para a próxima etapa do desenvolvimento.

E tendo também como embasamento os escritos de Izabel Galvão a partir de seu livro “Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil” serão apresentados cada um dos cinco estágios do desenvolvimento humano e suas principais características, conforme proposto pela teoria de Wallon.

A- Estágio impulsivo-emocional: Abrange o primeiro ano de vida, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. A predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas

manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior.

B- Estágio sensório-motor e projetivo: Vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilitam-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços. Outro marco deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo "projetivo" deve-se à característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, o ato mental "projeta-se" em atos motores.

C- Estágio personalismo: Cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retomo da predominância das relações afetivas.

D- Estágio categorial: Acontece por volta dos seis anos, que, graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo às suas relações com o meio preponderância do aspecto cognitivo.

E- Estágio da adolescência: A crise pubertária rompe a "tranquilidade" afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Este processo traz à tona questões pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade.

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. (GALVÃO, 1995, p. 44).

Como visto nos estudos de Galvão (1995), para Wallon nos estágios do desenvolvimento, há momentos que se predomina a dimensão afetiva, em outros momentos são predominantes os aspectos cognitivos. Os aspectos de caráter intelectuais são enfatizados nas etapas que se destaca o que é real e o conhecimento do mundo físico. As etapas em que se predominam os aspectos afetivos são aquelas em que acontecem as relações com o meio na construção do sujeito. Para Silveira (2017) embora a teoria do desenvolvimento seja descrita até o estágio da adolescência, esse processo não termina nessa etapa da evolução humana, porque a constituição do “eu” é um processo que não tem fim e acontece durante toda a vida.

3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO

Este tópico do trabalho tem como objetivo específico expor toda a construção metodológica da pesquisa de campo, que se apresenta como investigação científica tem como título “Relação professor/a-aluno/: Contribuições para o processo de desenvolvimento e aprendizagem”. Neste sentido, será demonstrado o tipo de abordagem, o tipo da pesquisa, as técnicas para coleta de dados, o lócus a ser pesquisado e os resultados da pesquisa.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. (MINAYO, 2002, p. 14).

Nas palavras da autora, a metodologia do trabalho se caracteriza por esta descrição bem detalhada do processo da pesquisa, do caminho que o pesquisador irá percorrer para executar o seu trabalho, expondo o tipo de pesquisa, da abordagem, expondo também os seus métodos e procedimentos para coletar e explicar os dados necessários que foram obtidos a partir dessa atividade. Desta forma, pode-se dizer que a metodologia é fundamental, pois ela norteia a pesquisa.

3.1 Pesquisa Bibliográfica

Para iniciar o trabalho e antes de ir a campo foi preciso fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema em questão, que já foi citado anteriormente. Severino (2007) nos diz que uma pesquisa bibliográfica se caracteriza pelo exercício de realizar

uma busca minuciosa em artigos, teses, livros e revistas, sobre um determinado assunto e então utilizar os dados que foram obtidos para compreensão do assunto abordado. Esses textos lidos e revisados se tornam fontes de relatos e informações, então, o pesquisador desenvolve seu trabalho a partir e com a ajuda dos conhecimentos que esses autores oferecem.

3.2 Abordagem Qualitativa

A partir do tema escolhido para realização do trabalho, a abordagem utilizada para desenvolvê-lo, observando e considerando os objetivos a se alcançar é a abordagem qualitativa, que permite que o investigador trabalhe a partir de uma observação participativa da realidade social em questão, neste caso, a sala de aula. Como destaca Bogdan e Bilken (1994) o investigador irá introduzir-se no mundo e realidade das pessoas que pretende estudar, para conhecê-las, depois de conhecer os sujeitos, ganhar sua confiança, e então, elaborar e registrar tudo aquilo que ouve e observa.

A pesquisa qualitativa responde questões particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2002, p. 21).

Como bem enfatiza a autora na citação acima, a pesquisa qualitativa não se preocupa em obter números, mas, compreender o processo interativo das relações estabelecidas em um determinado contexto social, onde o investigador tem seu foco nas expressões, no comportamento, nas crenças e valores dos indivíduos que estão sendo investigados. Córdova e Silveira (2009) também enfatizam que os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos para realizar sua pesquisa, buscam principalmente explicar o porquê das coisas, dos fenômenos sociais, exprimindo o que convêm ser feito, mas, não quantificam valores.

3.3 Pesquisa Explicativa

O tipo de pesquisa feita e neste caso, aquela que está de acordo com os objetivos da abordagem, que mais se aproxima dos fatores considerados e analisados

é a pesquisa explicativa. Segundo enfatiza Severino (2007, p. 123) “a pesquisa explicativa é aquela que além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através do método experimental, seja através dos métodos qualitativos”.

Esse modelo de pesquisa preocupa-se em identificar fatores que contribuem para os fenômenos das relações sociais, neste caso, a pesquisa explicativa a partir da observação participativa do investigador tem como finalidade entender as relações que se estabelecem entre professor e aluno e sua importância para o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

3.4 Observação Participativa

Um dos métodos utilizados para a coleta de dados foi a observação participativa que aconteceu em uma sala de aula, seguida de anotações e observações sobre os acontecimentos do cotidiano deste lugar. Para Severino (2007) esta ação se caracteriza pela ideia de que o pesquisador para realizar a observação dos fenômenos, compartilha do cotidiano e das vivências dos sujeitos investigados, participando de forma ativa e permanente, colocando-se numa condição de identificação, interagindo com eles em todas as situações do grupo, registrando de forma descritiva todos os elementos e situações vivenciadas.

Para Marietto (2018) a observação participativa é um método qualitativo com raízes na pesquisa etnográfica, que se baseia na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, para buscar conhecimento sobre um determinado tema ou uma situação específica de forma bastante detalhada. Essa abordagem permite ao pesquisador utilizar o contexto sociocultural do ambiente observado para explicar os padrões observados de atividades humanas.

Lüdke e André (1986) também enfatizam que essa observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens, pois na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos pesquisados, pode tentar apreender a sua visão de mundo e significado que eles atribuem à realidade que os cerca. Essa atividade envolve conversas, interações, troca de saberes para que assim se descubra as interpretações dos participantes nas situações que eles estão envolvidos.

3.5 Entrevista

Também para a coleta de dados fora feita uma entrevista com a professora da turma, para que contribuísse com suas percepções sobre a relação que estabelece com os alunos em sala de aula. Para Lüdke e André (1986) a entrevista é uma das principais técnicas de trabalho utilizadas em quase todos os tipos de pesquisas nas ciências sociais. Este método desempenha um importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas. Uma das vantagens deste método sobre outras técnicas é que ele permite que o pesquisador capte de forma imediata a informação desejada.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

No decorrer da revisão bibliográfica surge a necessidade de uma investigação para poder compreender a relevância da relação professor/a-aluno/a a partir da realidade e cotidiano de uma sala de aula. Portanto, realizada a pesquisa de campo o enfoque principal deste tópico do trabalho será expor os resultados das observações e as análises que foram feitas em sala de aula a partir dessa atividade, conforme aquilo que foi estudado anteriormente na revisão bibliográfica.

4.1 Conhecendo a escola

Para realizar o trabalho de campo, foi escolhida como lócus da pesquisa uma escola que está localizada no município de Concórdia do Pará, que chamaremos pelo nome fictício “Raio de Sol”. Essa instituição de ensino funciona no município desde o ano de 1990, atende atualmente mais de 500 alunos nas seguintes modalidades de ensino: educação infantil, ensino fundamental menor e educação de jovens e adultos (EJA). A escola escolhida funciona nos turnos da manhã, da tarde e da noite. No turno da manhã funciona Pré I e II, a tarde funciona 1° e 2° Ano do ensino fundamental e a noite o EJA. Esta escola está localizada em um bairro próximo ao centro da cidade, possuindo uma área bem ampla com 10 salas de aula onde as crianças são bem atendidas.

A priori, foi necessário entrar em contato com a direção escolar para pedir permissão para realização de tal atividade. Quem me recebeu foi a diretora e expliquei a ela os métodos e objetivos da pesquisa, ficando então decidido que a observação aconteceria numa turma de 1° ano do ensino fundamental no período da tarde. Também foi preciso conversar com a professora responsável pela turma que seria analisada para dá a ela a explicação necessária sobre o trabalho a ser feito e nesse

primeiro contato tentei ser o mais dinâmica possível, para evitar que se sentisse desconfortável com a minha presença em sala de aula.

4.2 Conhecendo a professora e a sala de aula

Após o contato com a direção escolar conheci também a sala que seria analisada e a professora que atua nela, lembrando que a observação e pesquisa começaram de fato apenas no dia seguinte. Como dito anteriormente, a turma escolhida para realização do trabalho é de 1º ano do ensino fundamental, que funciona no turno da tarde. A turma é composta por 23 alunos com idade de 6 anos. A professora que chamaremos pelo nome fictício de Ana tem 42 anos e atua na educação há 16.

A sala de aula em questão é bem arejada, clara e bem colorida com cartazes de atividades realizadas pelas crianças expostas nas paredes. A sala possui também uma estante com livros de histórias infantis que a professora conta para turma e livros que são utilizados para recortes nas realizações de tarefas escolares. Também possui um armário onde se guarda o material didático usado nas aulas. Esta pesquisa de campo iniciou-se no dia 16 de maio de 2022 e estendeu-se durante 12 dias das 13h30 até as 17h15.

4.3 Primeiro contato com a turma

Iniciando a observação em sala de aula, a professora Ana foi bem receptiva e se mostrou disposta a contribuir com meu trabalho, ela me apresentou as crianças e explicou o que eu iria fazer ali pelos próximos dias. Elas me receberam muito bem, de forma afetuosa e se mostraram bastante animadas com a presença de uma nova “professora” na sala de aula. Mas, ao mesmo tempo ficaram um pouco desconfiadas, pois a professora Ana disse que eu estava portando um caderninho de informações onde estaria anotando tudo que fizessem. Ela falou em tom de brincadeira, mas, isso gerou esse receio, pois acreditavam que eu estava ali para vigiá-los e contar para seus pais sobre um possível mau comportamento em sala de aula.

Após essa apresentação, agradei a recepção que tive, expliquei sucintamente que estava ali para aprender, pois em breve eu também seria uma professora e que estava disposta a ajudá-los, caso precisassem de mim. Depois disso uma das crianças veio até mim e pediu para ver o que eu estava anotando no caderninho de

informações, mostrei a ela e expliquei que aquelas informações serviriam para uma atividade importante que eu iria desenvolver depois dos dias que passaria ali.

Nesse primeiro dia de pesquisa de campo minha presença em sala de aula tirou um pouco da atenção das crianças que sempre vinham até mim para fazer perguntas, me falar sobre suas vidas, suas famílias, me mostrar o material escolar, atividades no caderno, desenhos que tinham feito e o que estavam aprendendo. Isso me deixou um pouco desconcertada, pois não queria atrapalhar a aula da professora Ana, mas ela aparentemente não se importou e entendia que era um comportamento natural diante daquela novidade em sala de aula.

Numa primeira conversa com Ana, ela me contou sobre as dificuldades que enfrenta em sala de aula pelo fato de não ter uma outra professora para lhe auxiliar no trabalho com a turma. Também ressaltou das dificuldades que está enfrentando com as crianças, referindo-se a leitura e escrita. Sabemos que devido a pandemia de COVID-19 as escolas ficaram sem aulas presenciais durante um certo tempo e isso acarretou problemas no desenvolvimento e na aprendizagem.

4.4 A Rotina da sala de aula

As crianças entram na escola as 13h30 e chegam na sala de aula bastante eufóricas. No primeiro momento a professora permite que elas fiquem a vontade para que haja uma interação, conversas e brincadeiras. Essa acolhida é de extrema importância para o desenvolvimento, pois a criança que está no início da vida escolar tem a escola como um novo contexto social e a partir dessas interações estabelecem novas relações sociais e durante o processo de desenvolvimento e aprendizagem humana essas interações ocupam um lugar importante. Santos (2012) salienta que a escola é essa instituição cujo propósito é o desenvolvimento das potencialidades cognitivas, emocionais e sociais das crianças por meio de conteúdos e de relações que constroem, contribuindo também para a capacidade de se tornarem cidadãos ativos na sociedade que pertencem.

Depois que as crianças interagem, conversam e contam as novidades a professora pede que elas se sentem e então inicia a aula dando boa tarde a elas que respondem com bastante entusiasmo. Ana pergunta como estão e prontamente respondem todas de uma só vez o que gera um certo alvoroço na sala de aula. As crianças sentem a necessidade de contar sobre o que fizeram antes de chegar à escola. Um fato que observei é que as cadeiras são organizadas em círculo, dessa

forma elas conseguem ter o contato visual dos demais colegas e a professora também consegue manter o contato visual com todos.

Seguindo com a aula, todos os dias é cantada uma música para iniciar, entretanto, a professora me relatou que percebe que as crianças não demonstram muito interesse pelas músicas cantadas em sala de aula, como acontecia antigamente e ainda ressaltou que atualmente estão sendo muito influenciadas pela internet e pelo que escutam nas redes sociais. Isso de alguma forma atrapalha, visto que, ela não domina muito bem essa área, mas, mesmo assim não deixa de cantar e incentivá-las. Ela diz que a música pode ser um aliado do educador no processo de aprendizagem, pois ajuda a estimular a criatividade, o raciocínio e ajuda também a desenvolver a coordenação motora.

Em seguida, se faz uma oração com as crianças e é interessante ressaltar que todos os dias a professora escolhe alguém para fazê-la na frente da turma e sempre tem alguém que pede para ser o escolhido da vez. Após isso, uma história é contada e elas ouvem atentamente. As crianças sempre tem um fato para compartilhar de acordo com a história que estão ouvindo e a professora está sempre disposta a escutar o que cada um tem a dizer. Ana, então, faz perguntas que estimulam a imaginação das crianças, com isso, elas expressam suas ideias e conhecimentos.

4.5 Atuação da professora

O processo de ensino-aprendizagem deve contribuir para o crescimento cognitivo, cultural, social e emocional das crianças e dessa forma, a atuação do professor e a relação que desenvolvem deverá ser significativa, de modo que considere diversos fatores. O professor em sala de aula como já citado, é esse mediador e orientador do conhecimento e para que a criança se desenvolva de forma positiva é necessário estar atento e sensível ao que ela tem a dizer.

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar seu discurso, as vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 1996, p. 71).

Freire destaca a importância de escutar o que o aluno tem a dizer, pois o ato de educar não se limita apenas ao transmitir conhecimento, mas dá ao aluno

oportunidade e espaço para aprender de forma autônoma. Então, o professor não deverá estabelecer com a criança uma relação de imposições, mas sim de diálogos, criando um ambiente propício a troca de ideias e informações, onde essa criança se sinta confortável em expor suas opiniões e emoções, interagindo socialmente com os demais. Segundo Mello e Rubio (2013, p. 6) “educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar. Educar é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, da sociedade em que vive e de seu papel dentro dela”.

Seguindo com a aula, a professora apresenta para as crianças o conteúdo que será estudado naquele dia e antes de entrar de fato no assunto ela faz perguntas, sempre orientando e mediando essas informações que elas apresentam, dessa forma, as crianças expressam seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo em questão. É importante que o professor enquanto mediador e orientador vivencie e leve em consideração o que cada uma delas traz de conhecimento e informação para sala de aula, colocando em seu campo de trabalho para que assim essas informações sejam trabalhadas e aperfeiçoadas.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também como há mais de 30 anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 16).

Continuando, as crianças escrevem no caderno o que está no quadro e considerando a fala do autor, durante a explicação do assunto a professora sempre tenta trazer aquilo que está sendo estudado para a realidade de cada criança, conectando o conhecimento com as vivências delas. Isso dará significado ao que está sendo ensinado, pois dessa forma haverá maior interesse em aprender, pois aquela informação fará sentido para a criança. Durante a aula expositiva e dialogada, todos têm a oportunidade de ir ao quadro quando necessário, assim, participam ativamente da aula, o que faz com que se sintam importantes, úteis e que pertencem aquele espaço.

As crianças já sabem escrever seus nomes, escrever no caderno o que está no quadro, conhecem os numerais, porém, apenas uma sabe de fato ler, pois segundo a professora, esta criança recebe a atenção e ajuda necessária dos pais nas atividades escolares. Ela ainda ressalta sobre essa falta de apoio das famílias em relação à educação dos alunos e segundo Souza (2009) é fundamental que família e escola

estabeleçam uma relação harmoniosa, visto que, essa interação harmoniosa enriquece e facilita o processo educacional das crianças em sala de aula.

A professora atende as crianças individualmente no momento de resolver a atividade escolar e afirma que desse modo pode estar detectando as dificuldades da turma e assim trabalhar nisso. No momento em que estavam resolvendo as tarefas do dia, me colocava a disposição para ajudar as crianças, dessa forma era mais proveitosa a aula e isso mostra que faz falta uma segunda professora para auxiliar no trabalho. Durante o período que estive com eles, algo que me marcou nesse contato direto com as crianças em sala de aula, é que é notório como elas ficam felizes quando aprendem algo novo e isso me fez lembrar da época em que estudava e de como me sentia em relação a algumas professoras que marcaram minha vida escolar.

Lembro de como ficava feliz quando aprendia, quando eu correspondia positivamente aos ensinamentos que recebia, pois sabia que a professora esperava algo de mim e acreditava no meu potencial e isso se dava por conta da boa relação que mantinha com a professora, pois me sentia acolhida, ouvida, motivada e isso contribuía para que despertasse para a aprendizagem. Libâneo (1990) afirma que as relações que se constituem entre professores e alunos, o modo de se comunicar, as perspectivas afetivas e emocionais, a dinâmica das manifestações em sala de aula, tudo isso faz parte das condições que trazem resultados sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Por várias vezes presenciei as crianças ajudando umas as outras na realização das tarefas escolares onde a própria professora estimula que elas se ajudem dentro de suas limitações. Por exemplo, quando uma criança termina sua tarefa mais rápido, ela pode ajudar o colega a recortar, a pintar. E como visto anteriormente, a sala de aula é esse espaço social, onde os alunos constroem novas relações, interagem, se ajudam, compartilham informações e saberes de acordo com suas idades. E o professor deve estimular esse diálogo, contribuindo para que as crianças se desenvolvam a partir dessas interações, propiciando um ambiente favorável a esse crescimento e aprendizagem.

A criança tem a escola como um novo contexto social, tendo experiências, partilhando saberes e construindo relações interpessoais que contribuirão para seu desenvolvimento enquanto sujeito. E o professor não deverá depositar informações nessa criança de forma sistemática, mas criar nela o desejo de descobrir novos saberes, tornando-se um sujeito autônomo na construção de sua identidade e do seu

conhecimento. Libanêno (1990) ressalta que o professor estabelece, organiza os métodos pedagógicos e conteúdos, mas, suas ações docentes devem orientar as crianças de forma que atuem como sujeitos ativos e independentes no processo de aprendizagem.

O professor que desrespeita a curiosidade do aluno, o seu gosto ético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia, o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele “se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios de nossa existência. (FREIRE, 1996, p. 35).

O autor ressalta que o professor que atua de forma autoritária elimina a liberdade do educando. Portanto, é dever do professor respeitar essa curiosidade e desejo de aprender da criança, valorizando as características de cada uma delas. O ato de ensinar implica em uma nova forma de considerar a sala de aula, que deverá ser não apenas um local de transmissão, mas, principalmente, um espaço de construção.

Freire (1996) ainda enfatiza que, o ato de ensinar exige respeito a autonomia da criança e nesse processo de formação, respeitar a autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. O professor não deve estabelecer com o aluno uma relação de imposições, mas sim de diálogos, estimulando esse exercício da autonomia, curiosidade e participação.

4.6 Afetividade em sala de aula

Como já salientado, o professor exerce o papel primordial no processo de desenvolvimento e o vínculo afetivo com as crianças precisa ser considerado. E durante a pesquisa de campo, a professora demonstrou afeto e querer bem seus alunos. Sobre a afetividade na relação professor/a-aluno/a Loyola (2004, p. 37) também afirma que “as virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos refletem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve.”

O afeto na relação com o aluno leva o educador a uma ação de solidariedade para com ele e, conseqüentemente, ao desejo de que ambos sejam felizes. A felicidade dos educandos precisa ser um dos propósitos do educador: Superar a situação atual, entrar em outra situação, construir-se como pessoa

de bem, de valores, ser feliz, livre, humano. Essa é uma das características do educador e pode se constituir na grandeza ou na fragilidade da educação. Educar é também um ato de amor. (FROZZA, 2007, p. 37).

Como ressalta a autora acima, o afeto na relação professor/a-aluno/a gera empatia, cumplicidade e em um momento específico em sala de aula uma das crianças se mostrava triste por não conseguir realizar sozinha a atividade do dia. E percebi que quando isso acontece elas sentem que estão desapontando sua professora, e então, a professora sentou-se ao lado da criança e pacientemente explicou sobre o que se tratava a atividade até que conseguisse entender e aos poucos resolver a tarefa. É importante que a criança se sinta acolhida, ouvida, pois dessa forma poderá atingir os níveis de compreensão e aprendizagem.

Em um outro momento que remete a afetividade na sala de aula, uma das crianças se ofereceu para ajudar a professora no momento em que ela fazia a chamada da turma. A chamada funciona da seguinte forma, a professora escreveu o nome de cada uma das crianças em um pedaço de papel cartão e essa plaquinha com o nome delas é colocado em um suporte feito de EVA que está colado na parede da sala de aula. A professora então, chama cada nome e conforme estivessem presentes na aula a aluna colocava a plaquinha no suporte indicado. Ao final, a professora agradeceu a ajuda que recebeu e percebi o quão feliz ela ficou em poder contribuir de forma ativa e participativa na sala de aula.

A afetividade é esse fator indispensável para o processo de desenvolvimento e aprendizagem, um conjunto de fenômenos que o ser humano experimenta e vivência na forma de sentimentos e emoções, sendo então, uma característica que o acompanha desde o início de sua existência. Nesse sentido, o professor afetivo e que dialoga terá bons resultados, a criança que se sente acolhida, aceita e ouvida pelo seu educador desperta para o conhecimento, para a curiosidade e aprendizagem. Portanto, quando se estabelece uma relação pautada no diálogo, afeto e compreensão o desenvolvimento se torna mais proveitoso.

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, à coragem de querer bem aos educadores e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor, me obrigo a querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. (FREIRE, 1996, p. 90).

Dando seguimento ao que Freire (1996) diz sobre a afetividade em sala de aula, não é certo dizer, do ponto de vista democrático, que o professor será mais respeitado e bem visto se este for severo, frio e distante da criança. A afetividade não se distancia da cognoscibilidade, mas, o que não se deve permitir é que a afetividade do professor por seu aluno interfira no cumprimento ético de seu dever enquanto educador e no exercício de sua autoridade em sala de aula. A avaliação do desempenho escolar de uma criança não está relacionada ao fato de maior ou menor bem querer que o professor tenha por ela.

Para Kullo (2002) o aluno é sujeito e construtor no seu processo de desenvolvimento e para que a aprendizagem aconteça de forma eficaz, precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os sujeitos que compõe essa relação, isto é, professor e aluno. Neste processo a interação entre esses sujeitos tem como razão principal a busca por conhecimento, porém, não se pode restringir a relação professor/a-aluno/a ao processo de construção do conhecimento, pois ela percorre por essas dimensões afetivas e emocionais.

4.7 Entrevista com a professora

Como dito anteriormente neste trabalho, para coleta de dados também seria feito uma entrevista com a professora da turma para melhor compreensão do tema da pesquisa de campo e também para analisar a percepção que ela tem sobre a relação que estabelece com as crianças. O material coletado por meio da entrevista fora devidamente analisado e comparado com a visão de teóricos que discutem sobre essa temática e o que foi discorrido durante a escrita deste trabalho. E a seguir as perguntas feitas juntamente com as contribuições da professora.

O convívio saudável com as crianças

Foi questionado a professora Ana sobre como manter o convívio saudável com as crianças em sala de aula e sua resposta foi a seguinte: “Manter o diálogo com as crianças é primordial, diálogo esse que vai além do que se refere aos conteúdos que são estudados em sala de aula. Criar momentos de conversas e reflexões sobre outros assuntos que sejam importantes para o desenvolvimento delas, ter momentos de brincadeiras e descontração tudo isso faz com que o professor se aproxime ainda

mais e tenha com a criança uma conexão fortalecida, tornando ainda mais agradável e significativo o aprender em sala de aula”. (Professora Ana).

Foi possível observar na fala da professora e relacionando com o que fora exposto neste trabalho, que o diálogo é um dos pilares que constrói e sustenta a relação professor/a-aluno/a. A criança sente-se segura e motivada quando tem na sala de aula um ambiente onde ela pode expressar suas dificuldades, ampliar e construir seus conhecimentos, pois a ação e reflexão são fatos inseparáveis daqueles que dialogam e a construção do conhecimento se dá de forma coletiva. Portanto, o professor não deve ignorar a ação do sujeito.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples trocas de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

E para complementar a fala da professora, como destaca Freire (1987) o bom ensino é aquele que estimula a criança a atingir níveis de compreensão e aprendizagem significativos, desenvolvendo suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais tendo o diálogo como base para isso. Essa relação dialógica em sala de aula é importante e o professor precisa estar atento, pois essa criança interage de diversas formas, ela questiona e intervém na sala de aula se expressando de forma verbal e não verbal.

Contribuição da afetividade para o desenvolvimento da criança em sala de aula

Ao ser questionado a professora Ana sobre como a afetividade em sala de aula interfere no processo de desenvolvimento da criança, sua resposta foi a seguinte: “Quando a relação professor/a-aluno/a se aprofunda afetivamente tudo se torna mais fácil, pois o aluno não tem receio de dizer ou demonstrar suas reais dificuldades e o professor sai desse papel de corretor e assume o papel de incentivador que valoriza os pontos fortes de cada um, fazendo com que ele acredite no seu potencial, no seu desenvolvimento e na sua melhora”. (Professora Ana)

Não se pode restringir a relação professor/a-aluno/a ao processo de construção dos saberes e desenvolvimento cognitivo, pois essa relação perpassa pelas dimensões afetivas, emocionais, sociais e culturais. Antes de levar o conhecimento o professor deve conquistar o afeto e a confiança da criança, visto que, com carinho e

o diálogo, vem o respeito, a credibilidade e a confiança. Mello e Rubio (2013) enfatizam que os pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir são necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação e crescimento do aluno.

Gostar do professor e sentir-se amado por ele, proporciona ao aluno uma disposição muito maior em aprender. A aceitação do outro é fundamental para o crescimento de ambos. A escola, e em especial a sala de aula, é um dos espaços legítimos para a construção da afetividade, uma vez que as atividades ali desenvolvidas se centram na inteligência, e a evolução da inteligência depende da evolução da afetividade. (FROZZA, 2007, p. 31).

De acordo com o que a professora nos informa e relacionando com a fala da autora sobre a afetividade e sua influência no processo de ensino e aprendizagem, a criança que se sente acolhida, valorizada e ouvida pelo seu educador tende a despertar e estar disponível para o conhecimento. Na fala da professora ela enfatiza sobre essa questão, a criança sente-se confortável para expressar suas dificuldades, o que fortalece a relação com o professor e conforme razão e emoção são trabalhadas em conjunto o cognitivo da criança é desenvolvido naturalmente.

Lidando com as dificuldades cognitivas

Também foi questionando a professora Ana sobre lidar com possíveis dificuldades cognitivas das crianças e ela respondeu da seguinte forma: “A família da criança deve ser uma das principais parceiras do professor no processo de desenvolvimento e aprendizagem, para que a partir desta parceria possíveis dificuldades na sua aprendizagem sejam observadas, trabalhadas e juntamente com a direção da escola buscar a melhor alternativa para fazer essa criança avançar, e se for necessário, encaminha-la a profissionais da saúde para possíveis diagnósticos”. (Professora Ana)

Ana ressalta a importância que a família desempenha nesse processo de aprendizagem da criança. Embora em alguns momentos essa relação não seja estreita e próxima o bastante, ela é essencial, visto que, ambos os contextos sociais desempenham um papel socializador e educacional de extrema importância. A escola não atua de forma isolada, neste sentido, é imprescindível que cada um dentro de seu encargo, trabalhe para a melhoria do desempenho educacional da criança e isso também refletirá na relação com seu professor em sala de aula.

Souza (2009) afirma que a vida em família e a vida escolar do aluno perpassam por caminhos simultâneos e é quase impossível separar o aluno do filho, por isto, quanto maior o fortalecimento e a aproximação dessa relação família-escola, melhor será o desempenho escolar da criança. Então, é importante que família e a escola saibam aproveitar os benefícios que essa relação pode proporcionar, transformando em princípios facilitadores da aprendizagem e da formação cognitiva, emocional e social da criança.

Relação professor/a-aluno/a, desenvolvimento e aprendizagem

Professora Ana também foi questionada sobre como deve ser a relação entre professor e aluno visando o desenvolvimento e aprendizagem e ela informou que: “O professor precisa enxergar a criança além da sala de aula, pois tem suas especificidades e que cada uma se desenvolve e enxerga o mundo da sua maneira. Elas possuem autenticidade e precisam ser avaliadas a partir disso. É preciso considera-las como seres únicos, vindos de famílias diferentes, com crenças e culturas diferentes. O professor não deve enxergar a criança de forma igualitária, pois cada uma delas possui suas características e será preciso conciliar isso em sala de aula para que ela se desenvolva em todos os aspectos”. (Professora Ana)

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 1996, p. 23).

Nesse sentido, a sala de aula deverá ser um ambiente propício a experiências e relações humanas engrandecedoras. Um ambiente educativo onde a criança constrói seu conhecimento, mas, também onde aprende sobre seu papel enquanto cidadão, enquanto ser social, crítico e ético que precisa comunicar-se e refletir sobre sua realidade. Também deve aprender que pertence a um espaço social e que esse espaço se transforma a partir de suas atitudes. Então, o professor a partir de fatores que foram citados neste texto e de sua didática, deve proporcionar um espaço propício para que a criança aprenda e se desenvolva de maneira significativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do suporte teórico adotado para a escrita deste trabalho, foi possível compreender os fatores que fundamentam a relação professor/a-aluno/a, que não deverá ser pautada pelo autoritarismo, mas uma relação horizontal, onde prevaleça o diálogo, respeito e a afetividade. A educação deve fugir da ideia de que o professor apenas transmite conhecimento, mas esse processo deve estar ligado a ideia de parceria, onde ambos os sujeitos desempenham papel fundamental na construção do conhecimento.

Esses fatores são a porta para se alcançar os objetivos da aprendizagem, o professor desempenha o papel de mediador e orientador dos conhecimentos, levando seu aluno a protagonizar seu saber, pois quando cognitivo e afetivo são trabalhados em conformidade, a aprendizagem é efetiva e consolidada naturalmente, pois os alunos podem por um determinado tempo lembrar da fala de seu professor, mas jamais esquecerão de como ele os fez sentir.

Vimos que a sala de aula é um espaço que exerce função educativa e social, isto é, aprender conteúdos científicos das diversas áreas do conhecimento é importante, o aluno precisa de conhecimento e cultura, mas o professor a partir de sua atuação deverá também contribuir para que o aluno desenvolva seu senso crítico, sua forma de enxergar e respeitar o outro, suas habilidades emocionais e comportamentais, desenvolvendo também suas potencialidades.

Com a pesquisa de campo foi possível vivenciar o cotidiano da sala de aula e a partir dessa experiência e dos relatos da professora notou-se que as adversidades estão ainda mais presentes, como foi citado por ela, a aprendizagem das crianças apresenta dificuldades devido a pandemia de Covid-19, tornando ainda mais imprescindível a atuação do professor e a relação que se constrói com a criança.

Outra adversidade citada pela professora é a falta de parceria com a família das crianças nesse processo de aprendizagem. É notório também que a falta de uma segunda professora em sala de aula dificulta em partes a aprendizagem das crianças, pois elas precisam de toda atenção para aprender. E apresentadas as adversidades encontradas em sala de aula a partir da pesquisa, acredita-se que, caberia a coordenação escolar juntamente com a professora trabalhar de forma que busque trazer a família para mais junto da escola. Também seria necessário ter em sala uma segunda professora, mas sabemos que isso não depende apenas da coordenação.

O professor que planeja e conduz suas ações docentes a partir de metodologias de ensino-aprendizagem adequadas e comprometidas com práticas

pautadas nessa perspectiva dialógica e afetiva, conseqüentemente, constrói uma relação com seu aluno que será aprovada e comprovada a partir dos resultados que serão obtidos em sala de aula. Suas ações devem buscar atingir os objetivos necessários referentes aos conteúdos, mediando todas as formas de interação em sala de aula.

A sala de aula é esse espaço de interação e construção de conhecimento dentro de suas complexidades e subjetividades e nessa perspectiva é importante olhar para este tema, considerar a relação professor/a-aluno/a como fator imprescindível, pois saberes fundamentais para o crescimento de todos os sujeitos envolvidos no fenômeno educativo surgem a partir dessa interação. O professor desempenha o papel de mediador desses conhecimentos, levando seu aluno a protagonizar seu saber, para que assim, o processo de aprendizagem aconteça de forma significativa a sua vida.

O trabalho aqui apresentado trouxe contribuições significativas para a compreensão do tema, contribuindo também para a formação acadêmica, visando minha atuação docente futuramente, pois possibilitou fazer essa reflexão acerca das contribuições que a socialização entre professor/a-aluno/a traz para o desenvolvimento da criança. Os resultados obtidos referentes a aprendizagem dependem dos estímulos afetivos que ela recebe, considerando que inteligência não se desenvolve sem os aspectos dialógicos e afetivos.

Portanto, essa é uma questão relevante para se discutir, considerando que o processo de ensino-aprendizagem perpassa por essas múltiplas dimensões citadas, e nessa perspectiva o professor deverá atuar de forma que concilie esses diversos fatores, para que os alunos se desenvolvam e aprendam de forma significativa. Desta forma, é necessário o professor ter essa compreensão, para que assim facilite a relação professor/a-aluno/a.

REFERÊNCIAS

BERTONCELLO, Ludhiana e ROSSETE, Silvana Regina. **A importância do diálogo na relação-professor e o paradigma da complexidade.** Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Jul/Dez 2008, v. 13, n. 2, p. 177-190 ISSN 1516-2664.

BRAGA, Marianne. **Você conhece as principais abordagens teóricas da educação?** Janeiro de 2021. Disponível em <https://profseducacao.com.br/artigos/voce-conhece-as-principais-abordagens-teoricas-da-educacao/> Acesso em: 8 de Julho, as 19h30

BOGDAN, Roberto C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação.** Porto Editora. LDA – 1994.

CORDOVA, F. A pesquisa Científica In: GERHARDT, T. e SILVEIRA, D. **Métodos de Pesquisa.** Editora da UFRGS, 2009.

CUNHA, Ana Maria da Silva. **A relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem.** Fortaleza – 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa / Paulo Freire.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v. 21) 1. Alfabetização – Teoria I. Título II. Série 77- 0064.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** Editora Olho d' Água, São Paulo, SP. 1997.

FROZZA, Ires. **Aprendizagem e Afetividade: Um Encontro de Sucesso na Escola.** Joaçaba – Santa Catarina, março de 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil/ Izabel Galvão.** – Petrópolis, RJ; Vozes, 1995 (Educação e Conhecimento)

GADOTTI, Moacir. **PAULO FREIRE: Uma bibliografia.** CORTEZ EDITORA. São Paulo, SP. Abril de 1996.

KULLOK, Maísa. **Relação Professor-Aluno. Contribuições à prática pedagógica.** Maceió – 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – São Paulo, SP: Cortez Editora, 1990.

LOYOLA, Márcia Rocha. **A importância da relação de afetividade entre professor/aluno para o desenvolvimento da educação infantil.** Niterói, 2004.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MARIETTO, Marcio Luiz. **Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos.** Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM).10, oct. 2018.

MARTIN, Marina. **O ato de ensinar como um processo tradutório: Um novo olhar sobre o processo de ensino-aprendizagem.** In: VII Congresso Nacional de Educação. Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Maceió, AL. Outubro de 2020.

MELLO, Tágides e RUBIO, Juliana. **A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil.** Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – número 1 – 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: **O Desafio da Pesquisa Social.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social – Teoria, Métodos e Criatividade.** Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2002.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

SANTOS, Maria Aparecida C. e VASCONCELOS, Maria Luiza G. **A prática docente: reflexão acerca do ato de ensinar e aprender.** Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais, Luiziânia, v. 2 n. 2 2021, DOI:

SANTOS, Suenny Samyra. **A escola como espaço de aprendizagem: discutindo sua função social.** Guarabira, PB – 2012

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico / Antônio Joaquim Severino.** – 23. ed. rev e atual. – São Paulo: Cortez 2007.

SILVA, Carlos Cardoso. **A sala de aula como espaço de experiência: experiências de estágio supervisionado.** Revista Signos, Lajeado, ano 39, n. 1, 2018. ISSN 1983-0378 DOI: <https://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39ila2018.1795> <https://www.univates.br/revistas>

SILVA, Nelma Albino da. **A importância da afetividade na relação professor-aluno.** Brasil, 2013, 44 páginas. Monografia (Graduação em Pedagogia) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-da-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm> Acesso em: 22 de Julho, as 18h00

SILVEIRA, Elisete Ávila. **A importância da afetividade na aprendizagem escolar: O afeto na relação professor-aluno.** Departamento de Educação Especial. Formação em Ação, 2º Semestre de 2017. Paraná

SOUSA, Maria Silmara; SANTANA, Jussara Freire e CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **A sala de aula enquanto espaço de integração, transformação e aprendizagem.** In: VI Congresso Nacional de Educação. Rio Grande do Norte – 2019.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/Escola: A importância dessa relação no desempenho escolar.** Santo Antônio da Platina, PR – 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Organização didática da aula: Um projeto colaborativo de ação imediata.** In: Ilma Passos Alencastro (org) Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papyrus, 2008.

APÊNDICE A – PERGUNTAS FEITAS A PROFESSORA

Como manter o convívio saudável e amigável com seus alunos?

Como lidar com as questões de afetividade com seus alunos?

Como lidar com as dificuldades cognitivas dos alunos?

De acordo com seus conhecimentos e experiência em sala de aula como deve ser a relação entre professor e aluno, visando o desenvolvimento e aprendizagem do educando?